

A arte no lugar do medo: gritos de liberdade em Paula Rego

Alexandra Santos Silva & Carlos Amaral Dias

Num primeiro momento gostaríamos de esclarecer o título da presente comunicação. A procura de liberdade numa relação com a verdade constitui, a nosso ver, o âmago da obra de Paula Rego, onde a tela ocupa o lugar de liberdade enquanto fonte visceral de expressão plástica.

Sem medo Paula Rego revela a intranquilidade que a acompanhou desde a infância, transformando-a num sonho de liberdade. A sua obra pinta a realidade encapotada de forma mordaz, desafiante e crua. Ilustra o autêntico, mas também o assustador da condição humana. O uso estratégico e subversivo da violência enquanto instrumentos de denúncia é uma constante na sua estética. Paula Rego pinta para ser quem é.

Tudo tem início, quando nos anos sessenta, decidiu romper com o que até então tinha sido a sua aprendizagem e percurso, e desconstruiu numa procura de coconstruir. Por esses tempos, Paula Rego iniciou o período de corte e colagens e, como a mesma diz, um grito de libertação aconteceu, qualquer coisa que não sendo uma mera coisa aconteceu na vida psíquica da pintora, constituindo o ponto de partida da sua obra. O cortar e colar implicou um primeiro movimento de rutura na tentativa de expulsar e expurgar partes dispersas, para de novo reunir, como se de uma desconstrução se tratasse, na esperança de possibilidade de uma outra qualquer coisa emergir. Eram tempos de libertação, de gritar o ódio e a dor que a amordaçavam. Como Paula Rego afirma, «a minha história só poderia ser contada por uma mulher», por ela mesma, disso não nos restam dúvidas.

O ato de criação ao longo da sua história assumiu a possibilidade de transformação, constituindo-se a tela num divã e a pintura a extensão de si mesma; o lugar onde a mudança catastrófica acontece, a turbulência sucede e onde a subversão e

invariância no sistema do produto apresentado - a obra - representam a permanente interrogação perante o ato de criar, como se lê nas entrelinhas do seu trabalho.

Podemos imaginar as pinturas de Paula Rego como um lugar povoado pelo seu mundo intrapsíquico, um espaço no qual mostra, expõe, grita, odeia, ama, chora e transforma numa procura incessante, sempre, de liberdade. Pinta como diz, para se libertar do medo e fazer justiça. Vingam os maltratados, os mortificados e desprotegidos e, em última instância, vinga-se. Mas nunca satisfeita, ora de novo em campo, numa superfície bidimensional, pinta a essência das experiências emocionais. Assim, tem sido a sua história, a nosso ver, feita por tempos e ciclos onde a reflexão sobre a violência constitui o ponto de partida e pulsão da obra.

Nos anos oitenta Paula Rego acede a um novo ciclo. Eis se não, que em nosso pensamento, nos surge os tempos de infância: as crianças seguidamente ao período de corte e colagem, num momento mais avançado do crescimento alcançam o jogo infantil. Com os animais e através deles projetam as fantasias inconscientes, os medos e os desejos dando lugar ao Zoomorfismo. Também na obra de Paula Rego a autora brinca e personifica as histórias do quotidiano com os animais, constituindo os mesmos o ponto de partida para a expressão dos seus conflitos e emoções. Com o *Devir animal* a pintora encontrou o meio para transformar o que a perturba, os jogos de poder e submissão, frustração e vingança, o conflito, a sexualidade, o amor e o ódio, sentimentos que edificam a condição da infância, navegando entre a violência, a crueldade e a ternura, bem como por entre as fantasias proibidas, como se observa na série *O Macaco Vermelho*, na *Família* e na *Menina e o Cão*. A pintora, como é do conhecimento geral, não é discípula de Freud, mas mais parece. Até diríamos que leu o Freud dos *Três ensaios sobre a sexualidade*, de 1905; dir-se-ia que Freud escreveu os textos e que Paula Rego os pintou. A sua obra é impulsionada para a mesma coisa, para as invariantes do humano. Ora, na nossa perspectiva é preciso ter génio para abordar a perversão e a polimorfia. Uma dupla que mostra a realidade a par e passo com o inconsciente, essa tal outra verdade, que só os mais sublimes ousam tocar, os que não têm medo de enlouquecer. Paula Rego na sua obra exhibe constantemente os dois lados da face humana, fazendo questão de desenhar exaustivamente aquele outro lado negro desumano que o homem esconde e reprime, excetuando o caso daqueles que são

marcadamente doentes. Mas esse outro, o tal malicioso e petrífico, existe, chocante, porque em espelho na tela é o reflexo do outro escondido.

No período dos anos oitenta, há de novo uma viragem na sua obra, após a produção da série *Óperas* e da série *Vivian Girls* quando perdeu a inquietude face ao vazio e as suas telas passaram a inscrever menos figuras; num jogo de luzes e de sombras brinca e amplia, acrescenta e possibilita a expressão do seu mundo interior na pintura figurativa. As figuras ganham um aspeto mais real e autêntico em telas que se transformam em verdadeiros espaços cenográficos. No início da sua maturidade abandonou o deslocamento dos afetos e conflitos para os animais e, sem medo, nomeou e denominou o humano, e, com *A Mulher Cão*, chegou a lugares, como refere, onde nunca tinha chegado dentro de si mesma. Como suporte da projeção emocional amplia o movimento e a expressão do corpo e do rosto muito marcado na década de noventa que se estende até ao presente.

A par e passo, na sua maturidade abriu as portas de um Universo genial e sublime com os Contos de Fadas, onde tudo cabe, sucede e advém. Transforma a tela numa narrativa, num palco de teatro íntimo e contemporâneo, num lugar onde habita a ternura e o sadismo da infância, tornando-se a sua obra um desafio sem limites. Ora usa a sátira e a ironia como escárnio e desprezo das morais erigidas em nome da defesa da sua dor, ora nos presenteia com narrativas mais repousantes, onde a dispersão e a integração encontram lugar na união, reparação e restauro, envolvendo-se numa tranquilidade mais depressiva, onde a culpa e a aniquilação vão sendo deixadas para trás. Movimentos entre a rutura, a ligação, a violência e o amor que nos levam até à *Sagração da Primavera*, de Pina Bausch.

No seu longo percurso artístico, Paula Rego quase chega a desafiar os próprios limites da cultura ocidental iconográfica. Acrescente-se que em *O Crime do Padre Amaro* (1997-98), na série *O Aborto* (1997) e na *Virgem Maria* (1999) a pintora ousadamente desafiou toda a cultura judaico-cristã. Pinta a *Virgem Maria* «terrena», definindo pela coroa a sua santidade, ao mesmo tempo que a devolve à terra. Desconstrói, no sentido da obra aberta, as inúmeras possibilidades imagéticas que a pintura suscita e abre-se na

incompletude e despertares de consciência que conduzem a lugares indizíveis, múltiplos e singulares.

Como a pintora consigna quando se refere à obra da *Virgem Maria*: «Claro que tive medo. Mas também é por isso que é interessante, porque é a história mais feita desde sempre, não é?» E quanto a nós, se não tivesse medo, seria de estranhar. Ocorremos Freud em o *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]) e passamos a citar quando refere que «A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e de proteção contra o sofrimento. A sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante – maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência». Neste caso, a pintora ousou reformar o quadro do mundo real ao invés de o deformar. Com a sua arte, protesta, grita, clama e acusa a injustiça, a opressão e o terror nas relações sociais, políticas, eclesiásticas e familiares, como se observa na *Misericórdia* e em tantas outras obras. Com a pintura Paula Rego dá e verbaliza voz ao medo. Fala o amor, a violência, o incesto, a injustiça, o ódio, a condição humana, terrível e assustadora, sempre na procura de ilustrar ao mundo o que o homem se nega olhar. É livre na criação de poder eleger, preferir, exclamar, exprimir, revelar, pensar e comunicar a sua intencionalidade.

É uma arte revolucionária com uma imagem de libertação pessoal, sociológica, psicológica, política e feminina. Contém uma dimensão singular de verdade, protesto e esperança que reside na sua forma estética. O grito pela luta e o direito de ser mulher são visíveis desde a série *O Aborto*, passando pela *Mulher Cão* ou à homenagem às Santas que foram sacrificadas, como pinta na sublime obra *O Jardim de Crivelli*. Paula Rego glorifica aquelas «mulheres que sempre sofreram, mas nunca baixaram os braços», como diz. Assim como *As Vivian Girls* e *As Avestruzes Dançarinas*, que honram a mulher, sendo esta última obra, segundo a pintora, uma homenagem aos limites da idade. A propósito, a pintora refere:

(...) *São velhas combatentes. Não voam como o Cisne do Ballet, mas ficam de pé como a estátua do guerreiro Gaulês em Roma. Uma*

*parte do seu arrojo e robustez é o modo como assumem os seus sentimentos (...) Não poderiam ser feitas se eu não tivesse a idade que tenho. Uma mulher mais nova não sabia o que isso é: desejar coisas que não são passado, porque se encontram dentro de nós, mas que já são inacessíveis (...)*¹

As Avestruzes Dançarinas são pois exemplo, a nosso ver, da prova viva da posição depressiva da pintora perante a vida. Da sua capacidade em entrar em contacto com a perda e a tristeza sequente elaborando a sua dor com a criação.

Paula Rego faz uso do ato criativo para dar voz ao medo, como afirma, e libertar os medos na criação de cada obra, lugar onde verdadeiramente se encontra. O ato criativo ocupa assim o lugar em que a pintora transforma a violência percebida e vivida e os seus medos. A criação constitui-se enquanto narrativa e a tela torna-se o lugar de um «continente» transformativo face a uma ameaça interna. Como enuncia:

*(...) É isso que me interessa, mostrar as coisas que as pessoas têm de fazer às escondidas porque não têm coragem de o fazer de outro modo, têm medo de falar, deixam até de pensar o que realmente pensam! São humilhadas, maltratadas.... Interessa-me representar a violência! (...) Essa parte negra, que a gente mantém escondida, interessa-me muito.*²

A oscilação entre os fragmentos e o todo, bem como a tolerância à desintegração psíquica, nunca perdendo o contacto com a realidade interna e externa, é marcadamente categórica no percurso da obra da pintora, como é visível em *Pietá*. O próprio conceito abre-nos a porta para a forma como a pintora trabalha, não revelando a mesma medo de colocar o pé na posição esquizoparanóide. O seu pensamento caminha, nesse caso, entre as duas posições; a depressiva e a esquizoparanoide, e é

¹ Rego in por McEwen, 1998 p. 269.

² Paula Rego em entrevista com Ana Gabriela Macedo, 18 de Fevereiro de 1999, publicada em *Paula Rego e o Poder da Visão*, 2010, pp. 32-33.

entre estes dois lugares que a pintora encontra um abrigo, assim como aqueles que existem nas montanhas europeias. Paula constrói abrigos, nos quais se abriga, para poder pintar o que se passa lá fora: o frio, o medo e o gelo. A sua obra é e será sempre inacabada, sendo esta incompletude comum a outros pintores geniais, como Picasso e Almada Negreiros, entre outros. Tenta dar-se e dar-nos conta de uma realidade nada hospitaleira e convida-nos a entrar no abrigo e a olhar o que se passou, como se observa nos *Cães de Barcelona*, representação de quando Frank mandou envenenar todos os cães de rua e em tantas outras séries, transportando-nos até à célebre frase de Shakespeare, *O inverno do nosso descontentamento* ou a *um lugar de desafeição* de Eliot, em os Quatro Quartetos. Um tempo em que o poeta sentiu como diz: *Nem plenitude nem vazio, Apenas um lampejo, Sobre os rostos tensos devastados pelo tempo, Distraídos da distração pela distração, Cheios de fantasias e vazios de sentido, Apatia tumefacta e desatenta, Homens e pedaços de papel remoinhando no vento frio, Que sopra antes e depois do tempo.*

E é entre esta sucessão de tempos que Paula foi caminhando até à sua maturidade. Desde então a tela assume o espaço de um objecto total – de dispersão e integração onde cria extraordinárias peças de teatro, com várias personagens em cena que se fazem ouvir no imaginário de cada um de nós, pela multiplicidade de diálogos e de olhares, como expressão do seu mundo, lugar onde tudo pode ser vivido; lugar de explosão, transformação e metamorfose, lugar onde a linguagem plástica comunica a sua intencionalidade através da mudança catastrófica que a sua própria mente realiza.

Uma produção incessante que habita um universo imaginário que não se esgota, numa procura perseverante do amor à verdade; uma mente em constante expansão no sentido bioniano, que conta a sua história e outras histórias, as quais, não sendo suas, serão partes de si mesma.

Como Paula Rego verbaliza: «Uma notícia no jornal, uma cena na rua, uma recordação – eis que me sinto capaz de executar um quadro», nomeia o desejo de criação numa necessidade vital de traduzir os elementos beta, através da função alfa, em elementos suscetíveis de criarem narrativas, transformando e dando um novo significado à experiência emocional. Paula opera sobre o material exercendo uma violência sobre o

mesmo, reconhecendo-se assim o ponto de partida da obra, como diz: *A pessoa zangar-se e a pessoa ter raiva faz parte de ser pessoa. Não pode sair por outro lado, sai pelos quadros.*

Experiência emocional que Alberto de Lacerda no poema em prosa intitulado *Paula Rego* acolheu e escreveu: *A tua revolta deita-se na cama. Não para desistir. Mas para amar. Depois levanta-te. E és um canto-erecto, decidido, áspero. E com ternura misteriosíssima. Possessa do terror de que falava Blake, da entrega de Henry Miller, e do sem – suporte de Mário de Sá-Carneiro-Começas a pintar.*

Na nossa perspetiva, a obra de Paula Rego evolui no sentido da unidade e da ligação. Articulamos a infância, o crescimento, a transformação e a evolução da sua obra como se de um processo psicanalítico se tratasse. Libertou-se das amarras, trilhou a sua infância, o mundo dos afetos, mas também da opressão, do medo, da vergonha e da culpa. Assim, como se a sua obra fosse um sonho, regressa a si, ao seu escuro e à sua solidão, e através da ligação e da metamorfose das emoções cria obra. No lugar do escamoteamento da sua solidão e da frustração infantil dá-se a criação.

Tal acontece porque é uma arte que se explica a si própria e na qual as fontes de onde parte são acessíveis. Paula Rego põe o seu pré-consciente a trabalhar em cima da sua própria história, o que constitui o seu vivido e a génese da sua arte, característica da grande pintura e estética do século XX. Toda a obra que se constitui Universal resulta da própria verdade e origens do criador, conjugação encontrada nos grandes autores.

Paula Rego ora nos embala, ora nos acorda com as suas pinturas repletas de entusiasmo, sensibilidade e encontro, de exaltação e acalmia, fascínio, demónios, fantasmas e angústias, transcendência, espanto, desassossego e veneração. Um encontro estético que anuncia, no sentido aristotélico, a admiração, a paixão, a curiosidade, o espanto e a descoberta que dá vida à obra de arte – o *thaumazein*.

Paula Rego é inquietante no seu olhar, cria paixões e ódios, atravessa histórias com estórias. Em *A Dança*, projeta o azul do céu, a luz que reflete o continente, o brilho do luar, o par, a criança e a harmonia, no movimento e no ritmo, na noite que encanta, aquece e recolhe e que nos transporta até à *Canção de Amor* de Eliot: *vamos então tu e*

eu, quando a tarde se estende pelo céu; já na Mulher Cão, a firmeza, robustez e arrojo da sobrevivência, a força mordaz e felina com que tão bem Paula presenteia as mulheres, neste tempo de desafeição.

O empenho da sua arte em *Eros*, a afirmação profunda dos instintos de vida na sua luta contra a opressão instintiva e social é manifesta na sua forma estética. Chocou e abanou consciências, provoca rejeições e desdém, rasgou, encantou e desencantou tradições, inquietou cegas consciências e morais, despertou alguns, cegou outros ainda mais. Com o seu traço e desenho, casa a nu o classismo e o rude grotesco medieval, a natureza agreste e violenta com a pedra lapidar que constitui o ser humano, sempre na procura que o próximo seja um melhor.

Paula Rego deixará na história o seu cunho, sobreviverá no tempo para além da morte, porque cria a partir das suas origens, porque faz e fez história, inscrevendo a sua obra, o lugar da criação e da imortalidade. Deixa-nos um sem-fim de verdade, presenteia-nos com a consciência da sua imagética, com imagens e histórias para que possamos refletir quanto à condição humana e, enquanto pintora, será uma ativista. Não se limita apenas a criar, mas fala alto, clama e grita na sua produção contínua e incessante, revelando-se sem medo na tela, lugar imperativo onde encontra a sua verdadeira Existência. A partir de si, da sua história, pinta-se e estende-se ao mundo, constituindo a sua obra um testemunho de partes da memória coletiva da humanidade com todas as narrativas que nos conta. Deixa-nos a reflexão e o devir e, a partir da verdade, abre caminhos para novos criadores, com a sua exímia mestria. A sua obra é bela, total e inteira, porque nasce do conflito entre o feio e o belo, partes essenciais da experiência estética.

Uma pintura com um caráter de urgência, em que o fazer está para além da ideia, na qual a tela é utilizada para pôr em relação a própria violência, em que o ato criativo nunca se esgota, porque existe sempre uma parte que não pode ser elaborada até ao fim, por isso a sua criação é uma constante interrogação irreduzível, pois o fim não se encerra em si mesmo, ao invés, é um início. Paula Rego a caminho constrói Caminhos e Abrigos e, por diante, arranha a verdade inconsciente e transforma com os três vínculos: de conhecimento, amor e ódio, a sua experiência emocional no ato

criativo, na procura de si; no sentido bioniano: «Sê quem és». Na luta entre *Eros* e *Tanatos*, entre o instinto de vida e de morte, elevando-se Eros pelo seu trabalho de ligação, continuação, evolução e amor. Como enuncia Herbert Marcuse quando profere que:

A obra de arte conseguida perpetua a memória do momento de prazer. E a obra de arte é bela na medida em que opõe a sua própria ordem à realidade – a sua ordem não repressiva, onde a própria maldição é proferida em nome de Eros. Aparece nos breves momentos de realização, de tranquilidade – no belo «momento» que suspende a dinâmica incessante e a desordem, a necessidade constante de fazer tudo o que deve ser feito para se continuar a viver.

O belo pertence às imagens de libertação (...)»³

Herbert Marcuse

³ Marcuse, *Dimensão Estética*, 1977/2007, pág. 61.